



De todas as marcas de prestígio da alta-fidelidade, a McIntosh é, para mim, a mais mística. Tem quase a mesma idade que eu (nasceu em finais da década de 1940), desenvolveu produtos que constituíram verdadeiros marcos na história do áudio, e foi objecto da minha mais devota adoração. Apenas isso, contudo, já que os seus produtos eram por mim inalcançáveis, na altura.

A única outra marca que me ficou na memória desses tempos de juventude, foi a Quad, com as suas igualmente inalcançáveis colunas electrostáticas. Mas a McIntosh era o paradigma!

Todas as restantes, a Krell, a Levinson, a Threshold e todas as outras, sem pretender de todo diminuí-las face à McIntosh, são marcas que foram enchendo o até então

quase despovoado mundo do áudio, hoje tão atulhado de marcas e modelos que o pobre do entusiasta abonado se sente perdido e não sabe onde gastar os milhares que lhe queimam o bolso.

Foi, por isso, com enorme prazer e entusiasmo que recebi, para experimentar, o mais recente leitor de CD's da marca, o MCD500, que também lê os já finados SACD's.

O MCD500 é lindo! Uma vez ligado à corrente, quando se prime o botão «On», o painel frontal em vidro ilumina-se todo naqueles tons de azul e verde tão retro e tão típicos de todos os modelos McIntosh. Mantém os dois grandes botões rotativos de periferia cromada e serrilhada, tal como quase todos os outros produtos da marca, o que lhe confere um ar de família, um

carisma e uma imagem que muitos outros gostariam de ter. No painel superior existe uma placa polida, onde está gravado, com um belo efeito, o diagrama de blocos do aparelho. Os painéis laterais são sólidos, em alumínio extrudido, com caneluras. O aspecto global transmite uma tal sensação de beleza e perfeição que dá vontade de o comer antes de o ouvir, ali, já, cru e sem molho. Ou, não sendo possível comê-lo, de o «ter». Esta é das raras coisas que, ao contrário do proverbial bolo, é possível ter e «comer». Raramente me deparei com outros equipamentos de áudio que apelassem tanto à posse.

Na parte inferior do painel frontal, uma fiada de teclas permite o comando das diversas funções. A sensação que dá o seu accionamento é a de solidez, firmeza e qualidade. A gaveta do disco é laminar,

McIntosh MCD500 NIRVANA?

Não fora eu saber que muitos audiófilos são também amadores de música, começaria por proclamar: AUDIÓFILOS ABSTENHAM-SE! Só não o faço porque estou certo que esta preciosidade, que vejo como um verdadeiro paraíso para os melômanos, também entusiasmará os audiófilos amadores de sons.

McIntosh
D/CD PLAYER



saindo e recolhendo em silêncio quase total, deixando perceber apenas um roçar de seda. O movimento é suave, sem sacudidelas, vibrações, paragens ou arranques bruscos, o que reforça ainda mais a sensação de perfeição. O sistema de transporte, pelo aspecto da gaveta, tem toda a semelhança com o dos Esoteric da TEAC e, pela óbvia qualidade, era capaz de jurar que o é. No entanto li aqui e ali que é um sistema fabricado pela Denon, pelo que me permanece a dúvida.

«Engolido» o CD ou o SACD, não se pode dizer que seja muito rápido a lê-lo, já que a indicação «Reading» permanece durante largos segundos no painel informativo. Painel esse, deixem-me desabafar, que é a única coisa negativa que encontro para comentar. Trata-se de uma janelinha com uns 5 x 2 cm, onde são exibidos os números

das faixas, os tempos e outras informações. Assim, se o proprietário se sentar a mais de dois metros dele, vai precisar de usar binóculos para perceber o que lá está escrito ou alçar o traseiro da cadeira sempre que quiser obter qualquer dessas informações. Cúmulo do ridículo é que ele identifica o disco que foi introduzido, escrevendo CD ou SACD no canto superior esquerdo em letras de...1 mm de altura!

Claro que tudo isso é esquecido quando começa a tocar. E digo «tocar» porque considero este MCD500 mais um instrumento musical com capacidades milagrosas que um simples leitor de CD's. Mas mais sobre isto, adiante.

No painel traseiro, para além de entradas de sinais de comando e interligação com outros McIntosh que se lhe queiram associar,

existem saídas de sinal RCA e XLR, tanto fixas como variáveis. As fixas têm um nível de 4 V nos terminais XLR e 2 V nos RCA, e destinam-se à ligação a um pré-amplificador.

As variáveis chegam aos 12 V nas XLR, o que é mais que suficiente para accionar directamente qualquer amplificador de potência sem aquele som molengão e deflacionado que se ouve tantas vezes nestas circunstâncias. A tensão do sinal nas saídas variáveis é regulada por um botão de volume, sendo indicado num outro pequeno painel luminoso o valor da mesma em percentagem do máximo.

O sistema de leitura é constituído por dois *lasers*, de diferentes comprimentos de onda, focando-se no disco através da mesma lente, para possibilitar a leitura de CD's e de SACD's.

TESTE McIntosh MCD500



Mas talvez o mais importante e mais nível seja o coração do aparelho, o seu conversor digital analógico. Designado «Sabre», é, tanto quanto julgo saber, o único constituído por nada menos de «8-DAC's-8», PCM/DCD de 24 bit e 192 kHz sendo 4 por canal e dispostos numa configuração balanceada diferencial que, segundo a McIntosh (e eu, depois de o ouvir, posso confirmar), proporciona uma forma de onda analógica quase isenta de distorção e ruído, o que se percebe sobretudo nos sinais de nível muito baixo, perto do inaudível.  como um daqueles carros americanos dos anos 60, com um brutal motor de 8 cilindros em V, capaz de arrancar em quarta sem ruído nem vibrações. Neste caso são DAC's em vez de cilindros e o consumo não se compara! A fonte de alimentação  também especial, dotada de inúmeras fontes reguladas e de características que a tornam quase imune às flutuações da tensão da rede.

A primeira impressão sonora que o MCD500 me transmitiu foi marcante. E isto é dizer muito por quem ouviu já tanta coisa. Era uma peça orquestral, especificamente o *Divertissement* de um pouco conhecido compositor francês chamado Jacques Ibert.

A surpresa causada pelo realismo, solidez, tridimensionalidade e limpeza dos primei-

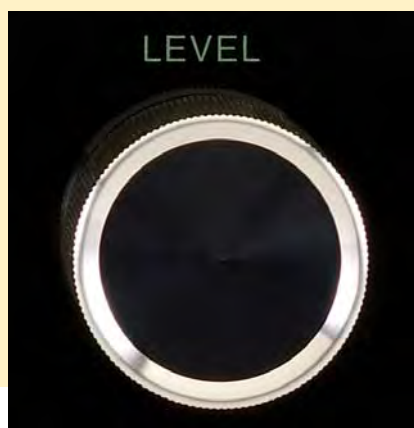
ros sons levou-me a pensar: «Como é que entrou tanta gente c em casa sem eu dar por isso?!» é que o MCD500 não se limita a ler CD's ou SACD's. É mais um «instrumento» musical capaz de tocar peças orquestrais, tal como um piano pode ser tocado por um pianista ou um violino pode ser tocado por um violinista.

Com a extraordinária vantagem de que basta premir um botão para pôr uma orquestra a tocar no seu melhor, enquanto são precisos anos e anos de sofrimento para se conseguir tocar piano ou violino, a maior parte das vezes apenas sofrivelmente.

 difícil, para mim, caracterizar o som deste «instrumento». Talvez o mais relevante seja referir a enorme extensão da sua «tessitura», com especial destaque para o lado dos graves, que soam cheios, quentes, impecavelmente tonais e com os timbres correctos. O facto de a resposta no grave ser tão rica faz com que as harmnicas graves dos sons mais agudos envolvam a música com um calor, uma doçura, uma solidez que causa arrepios e quase faz doer de puro prazer auditivo. Cuidado, contudo, que em ms gravações, com os graves exagerados (não são poucas), estes podem soar um pouco proeminentes demais (sobretudo na percussão) e tornarem-se cansativos.

A solidez corpórea, a tridimensionalidade e a presença de cada instrumento dentro da «molhada» que é uma orquestra  de referir como algo quase nunca ouvido num leitor de CD's, independentemente do preço. Nas passagens em «piano» ou «pianíssimo», o silêncio abissal que envolve os sons, a ausência de grão, a lisura e a limpeza do som produzem uma enorme sensação de calma e bem-estar. E os timbres? E os tons? Um fagote a produzir uma nota perto do limiar da audição (cerca de 50 dB)  imediatamente reconhecido como um fagote, a nota claramente identificada e até dá para ouvir o sopro na palheta e o ruído do accionamento das teclas.

Nas passagens mais fortes e rápidas há que destacar o ritmo, a rapidez, a dinâmica e a conseqüente excitação, que nos põe a mexer o corpo e a bater o p. A música agarra-nos e faz de nós o que quer. E mesmo nos «fortes» e «fortíssimos», a transparência e a resolução mantm-se praticamente inalteradas, deixando quase ouvir cada um dos instrumentos do conjunto no meio da confusão. Aqui, uma recomendação. O MCD500 pode tocar alto a ponto de incomodar os vizinhos sem que nós demos por isso. É que quase nunca nos parece alto demais, dada a ausência de distorções ou crispaes nos sons fortes.



Experimentei, ou melhor, usufruí do MCD500 com todos os tipos de música que me ocorreram. O piano soa cheio e poderoso, com uma presença, uma solidez, um «decaimento» das notas mais graves como raramente ouvi. Os concertos para piano de Chopin, já ouvidos centenas de vezes, foram-me agora apresentados pelo MCD500 como que pela primeira vez. O violoncelo, nos concertos de Kabalevski ou de Chostakovitch é apresentado com um intimismo e um realismo como só experimentei há uns anos atrás, na Gulbenkian, quando assisti, na primeira fila, ao Lynn Harrell a tocar o 1º Concerto de Chostakovitch, a menos de cinco metros de mim. O violino soa luminoso, brilhante, com agudos a subir ao infinito. As vozes humanas identificam-se com a maior das facilidades, dada a clareza dos timbres revelada pelo MCD500. No início do *Cavaleiro da Rosa* de Strauss, as vozes da

saudosa Schwarzkopf e de Christa Ludwig, nos papéis de Feldmarschallin e Octavian, nunca se confundem em nenhum registo, até porque na realidade até eram muito diferentes.

A imagem da orquestra que ele invoca entre as colunas (e transborda para fora) é das mais sólidas e tridimensionais que jamais ouvi, percebendo-se claramente o que está atrás ou acima de quê, e isso sem óculos especiais, como os do Avatar, nem nada. Coisa que se deve principalmente à ausência de artefactos espúrios e outras «impurezas» que costumam acompanhar o som.

É este o milagre que o MCD500 consegue. O de «fazer» música e envolvê-la num som luminoso, dourado, rutilante, viciante. Como não acredito em sereias, acho que nos tempos do Ulisses a marota da McIntosh já existia e quis tramá-lo com um MCD500 colocado nas rochas para ver se ele encailhava. Não estivesse ele amarrado de pés e mãos...

Mas também não tenho dúvidas de que o MCD500 terá detractores. É que ele apresenta a música de uma forma algo hiper-realista, embelezando-a para além da sua própria beleza, talvez como os quadros

de Canaletto, que exibem uma perfeição que não existia. Os que acham que a música deve ser seca e desengraçada quando ela o é na realidade, que o exercício da audição deve obedecer a uma disciplina militar, dura e rigorosa, não irão, provavelmente, gostar do MCD500.

Mas ainda não falei de SACD's. Na verdade não tenho nenhum desses exemplares já cadavéricos, pelo que tive de pedir alguns deles ao Jorge Gonçalves, que gentilmente mos cedeu. Só os posso referir como «ainda mais». O som produzido por eles é «ainda mais» tridimensional, «ainda mais» detalhado, «ainda mais» tudo o que referi. Fique na memória uma peça para piano de Chopin (a polaca *Heróica*) que, mesmo de olhos abertos, me permitia «ver» o pianista e o piano ali, bem no meio da sala.

Pena que os SACD's tenham entregue a alma ao criador. Criador que, diga-se de passagem, não merece nenhuma medalha por estudos de mercado. Não consegui perceber que hoje a espécie humana vive muito depressa, que não é sensível ou exigente a ponto de achar que vale a pena substituir os seus CD's por SACD's (sobretudo ao preço a que os quiseram impingir), que a maioria nem daria pela diferença, e que a capacidade de concentração média do jovem moderno anda pelos 3 a 4 minutos, que é o tempo médio que dura uma música popular, um *rock* ou coisa parecida, e para o qual a qualidade não é questão que se ponha. Nem que o CD evoluiria ao ponto que evoluiu, nem que quase todos viriam a preferir iPods, *downloads* e outras coisas do género, que dão para consumir música como pastilha elástica enquanto fazem ginástica, jogam nos computadores ou trabalham.

Em suma, o MCD500 foi, para mim, uma grande descoberta. Sobretudo tendo em conta que custa menos de 8000 , o que o torna (desculpem-me a ofensa à pobreza) uma pechincha, já que come as papas na cabeça a muitos outros concorrentes que tenho ouvido com preços bem acima dos 10.000 . Nem sequer percebo porque se há-de querer ir mais longe! Em preço, já que em beleza musical é duvidoso. Eu, por mim, já disse. Quando for grande quero ter um!

Preço:

Representante: Videoacústica

Telefone: 21 424 17 70

Internet: www.videoacustica.pt